

ATA 09 - Audiência Comissão Técnica Paralímpica da Brasil Arco

Data: **03.07.2025**

Horário: **das 19:00 às 21:00**

Plataforma: **Google Meet**

Pauta:

- 1) Convocação Seleção Brasileira Paralímpica - Mundial da Coreia do Sul
- 2) regulamento da Seletiva Paralímpica para 2026

Presenças: Tércia Figueiredo, Reinaldo Charão, Luiz Henrique Broinizzi, Inaiá Rossi, Camila Hikari, Thyago Tonetto, Dênia Keide, Jairo da Silva, Celia do Nascimento, José Brito e Sofia Ruggiero.

Ausências justificadas: Eurico D Júnior, Carla Bicalho e Jane Gogel.

Convidados: Cesar Moreira, Henrique Junqueira, Claudio Contrucci e Ana Luiza Mesquita

A reunião teve início às 19:10, com a pauta acima previamente definida no Ofício 008/2025 encaminhada à Brasil Arco e distribuído ao grupo do Comitê antes da reunião. A Presidente Tércia abriu a sessão agradecendo a presença dos membros do Comitê e da Comissão Técnica do Paralímpico, atualmente dirigida pelo Vice-Presidente da Confederação, sr. Cesar Moreira, ressaltando que esta reunião estava sendo muito aguardada por conta de tantas demandas recebidas do paralímpico. Porém, destaca que a presente reunião tem como objetivo principal responder a algumas das questões que envolvem o alto rendimento do paralímpico, em especial a demanda recebida pelo Comitê de Atletas do Clube Mira, de São Paulo, que questiona a não convocação do atleta paralímpico Heriberto Roca, e quais os critérios da seletiva para 2026. A Presidente Tércia, então, expôs o conteúdo do e-mail recebido, destacando o questionamento mencionado. O sr. Cesar repassou a palavra para os técnicos da seleção, Cláudio Contrucci e Henrique Junqueira, mas antes ressaltou que não está indo para as viagens para fazer economia nos gastos, e que as equipes terão de ser enxutas, destacando que se o atleta não demonstra bom desempenho, é preferível não levar o atleta para a economia de gastos. Em seguida, o técnico Henrique fez um apanhado dos altos custos associados aos campeonatos paralímpicos, como a inscrição de 595 dólares por atleta e a necessidade de hotéis mais caros devido à falta de acessibilidade em opções mais baratas, destacando que a passagem aérea para a Coreia também é muito cara, com a opção mais barata custando cerca de R\$ 13.000 a R\$ 14.000. Questionado pela Presidente Tércia sobre o custo de cada atleta, Henrique explicou que o valor dos projetos contém o valor mais elevado previsto para poder acomodar os custos, mas que não tem esta previsão por atleta no momento, e que esta previsão tem levar em conta os deslocamentos internos no Brasil de cada atleta, pois tem diferenças enormes. Seguindo, menciona que para uma equipe paralímpica é necessário um número maior de acompanhantes, como staffs, técnicos e fisioterapeutas, o que aumenta ainda mais os custos em comparação com o olímpico. O técnico Cláudio afirmou que a verba para as viagens estava estourada em 2025, podendo até prejudicar o Campeonato Brasileiro Paralímpico, o que levou a priorizar atletas com maiores chances de medalha no Mundial. Ele explicou que o nível técnico do Campeonato Mundial é muito alto, e as maiores chances de medalha para o Brasil estão nas equipes, especialmente na equipe mista e equipe W1. Sobre a **não convocação do atleta paralímpico Heriberto Roca** esclareceu que a equipe

técnica optou por formar a equipe mista, pois apresentava maior chance de medalha, e que o critério de seleção foi o classificatório da prova em Roma, sendo que o atleta Tiago teve um bom desempenho na classificatória, ficando cerca de 15 pontos à frente do Heriberto. O conselheiro Thyago então pediu para confirmar, então, qual era o critério de seleção para o mundial, no que o técnico Cláudio confirmou que o critério da escolha técnica foi o resultado no classificatório, por ser o critério de seleção da dupla mista, confirmada, também, pelo sr. César, dadas as condições de alto desempenho de outras equipes. O sr. César destacou que as medalhas em Roma foram quase todas por equipes, e que ficou surpreso com a forma pacífica, dócil, da atleta Fabíola, mas que ela, por questões pessoais, não irá para o mundial, e que manterá a convocação do atleta Tiago por ser um atleta jovem, dedicado aos treinos e que não tem sequelas de problemas, mesmo tendo uma amputação de perna. Relatou que o atleta Heriberto havia saído recentemente de um procedimento cirúrgico que afetou seu rendimento, sendo a equipe técnica sabe dos rendimentos dos atletas nos últimos cinco anos, e que não houve muito avanço na curva de crescimento dos atletas, cujas conquistas de medalhas em provas internacionais foram por equipes, e que não tem os mesmos recursos do olímpico para treinar uma seleção paralímpica. Henrique retomou a palavra para falar do valor do custo médio de cada atleta, que ficou em 2.781 dólares, fora as passagens de avião nacionais, ressaltando que quem sai de São Paulo não tem o custo das passagens domésticas. O conselheiro José questionou sobre a falta de comunicação prévia aos atletas sobre os critérios de seleção e a convocação, especialmente aos atletas que não seriam convocados. O sr. César de imediato admitiu a falha em não divulgar a convocação no site, mas afirmou que todas as federações foram informadas. A Presidente Tércia pediu para que o Comitê de Atletas e Paratletas fosse formalmente informado por e-mail das próximas convocações. O sr. César prometeu que, nas próximas convocações, o comitê de atletas será o primeiro a receber a informação, evitando que os atletas fiquem sabendo somente por redes sociais. O conselheiro José destacou que as informações das convocações, mesmo no olímpico, são noticiadas primeiro nos perfis de redes sociais dos atletas antes da publicação oficial no site da Confederação, e reforçou parte da pergunta que já havia feito sobre a comunicação aos atletas em Roma sobre os critérios da seleção para o Mundial. O sr. César explicou que a escolha de não avisar previamente os atletas sobre os critérios de seleção visa evitar atritos e problemas emocionais entre eles, citando casos passados de desentendimentos e brigas. Os conselheiros José e Thyago argumentaram que a falta de clareza nos critérios e a ausência de comunicação individual com os atletas, especialmente aqueles com um histórico longo na seleção, como é o caso do atleta Heriberto, e que tais atitudes podem ser desmotivadoras e precisam ser aprimoradas. O sr. César concorda e diz que irá melhorar, reconhecendo a falha da atual equipe técnica neste quesito. O conselheiro Thyago, reproduzindo a mensagem da conselheira Inaiá no grupo, sugere que os critérios de desempenho sejam claros desde o início, para que os atletas, como o Heriberto, saibam desde o início os critérios de seleção. A Presidente Tércia reforçou a questão da objetividade na escolha técnica, trazendo para a reunião o histórico do atleta paralímpico Heriberto exposto no e-mail do Clube, que afirma que o mesmo foi o primeiro na última seletiva, é atual campeão brasileiro paralímpico e ficou em nono lugar na competição de Roma, à frente do arqueiro Tiago, sendo que só ficou atrás no qualificatório da

competição. Neste ponto, o técnico Cláudio explicou que há uma ideia equivocada sobre as seletivas, pois estas são feitas para a seleção brasileira, e não para todas as provas do ano, e que, quando não há recursos para múltiplas seletivas, a escolha é técnica, considerando resultados e outros fatores estratégicos. Adiciona o sr. César que a intenção é realizar seletivas pós-Campeonato Brasileiro para reduzir custos dos atletas, mas que, se isso causar problemas, eles podem considerar fazer seletivas em outros estados ou antes de cada viagem, mesmo que os atletas precisam arcar com os custos, considerando que uma seletiva precisa ser realizada sempre três meses antes da prova específica para poder viabilizar os projetos. O conselheiro Reinaldo cobrou maior transparência e regras claras para a Seleção dos atletas, enfatizando a necessidade de regras objetivas para a escolha técnica, a fim de evitar situações como a não convocação de atletas bem ranqueados, como o caso do atleta Heriberto, sugerindo a criação de um documento com critérios básicos de escolha técnica, que considere, entre outros fatores, o monitoramento das condições físicas e saúde dos atletas, um relatório mais completo e realizado por uma equipe multidisciplinar, como acontece no olímpico, tudo para garantir mais transparência e segurança para todos os envolvidos. Destacou os resultados de atletas paralímpicos que não foram muito bem nos qualificatórios e que chegaram nas disputas por medalhas, ressaltando que o foco maior deveria ser nas disputas individuais, pois é onde se conquista as medalhas, e que o Comitê de atletas precisa receber da Comissão Técnica Paralímpica todas essas informações para poder melhor auxiliar os atletas paralímpicos quando somos questionados em situações como a que se apresenta. A Presidente Tércia questionou sobre a possibilidade da convocação do atleta Heriberto para a formação da equipe masculina no Recurvo, diante da desistência da arqueira Fabíola, considerando que já está disponível o recurso, no que o sr. César disse que não teria como, pois o projeto já estava fechado. O conselheiro Jairo levanta algumas questões sobre a escolha técnica, considerando que o ranqueamento mundial não é um bom parâmetro para avaliação, pois basta o atleta fazer várias provas internacionais que ficará bem ranqueado, e que ficar em primeiro lugar na seletiva, depois que esta foi realizada em muito tempo atrás, também não garante uma boa escolha técnica, e que nem sempre é possível ter um local adequado para realizar as seletivas. Destaca que não tem como baixar muito o índice nas provas seletivas, no que os técnicos Henrique e Cláudio concordaram. O sr. Cesar menciona que são vários os fatores, citando os exemplos de atletas no Para Pan de São Paulo que chegaram com o dedo quebrado, com infecção urinária, outros que fizeram cirurgia e perdeu massa muscular, que são variantes que a equipe técnica tem que lidar sem machucar o atleta, ponderando que muitos atletas de seleção receberam equipamentos para melhorar seus treinos que são responsabilidades dos clubes, sendo que seleção só aglutina os atletas já preparados em seus clubes. Revela, no entanto, que a equipe técnica da seleção já recebeu atleta em Maricá para treino em campo que sequer sabia regular a mira, destacando que essas são as situações que são enfrentadas no dia a dia pela equipe técnica. O técnico Claudio expos que mesmo em Roma tinha atleta atirando com flechas todas emendadas. O conselheiro José questionou o acompanhamento da comissão técnica aos atletas ao longo do ano, especialmente em relação à saúde e ao treinamento, cobrando o relatório das viagens e os retornos que os técnicos nos clubes recebem da Comissão Técnica da Seleção Paralímpica. O sr. Cesar diz que o Claudio e Ana Luiza já estão realizando este trabalho, e que o Henrique já conhece alguns atletas. A nova integrante da equipe técnica, Ana Luiza de Mesquita, detalhou os esforços da

comissão em oferecer acompanhamento virtual e consultoria, sempre em coordenação com os técnicos pessoais dos atletas. Claudio Contrucci acrescentou que o atleta também precisa ter consciência de não viajar lesionado e que a responsabilidade não depende apenas da comissão, mas também do próprio atleta, que antes de viajar para Roma tentou acompanhar todos os atletas de São Paulo convocados, mas teve atleta que não quis este acompanhamento. A Presidente Tércia sugeriu a criação de um quadro de medalhas e dados estatísticos do desempenho dos atletas paralímpicos nos últimos cinco anos para auxiliar na comunicação e compreensão das escolhas. O técnico Cláudio e Ana Luiza de Mesquita confirmaram que esses dados e a flutuação de pontuação dos atletas já estão compilados e foram utilizados para as convocações. Tércia aproveita para informar que já recebeu os relatórios de viagem da delegação olímpica, mas que foi orientada a pedir nesta reunião os relatórios da seleção paralímpica, no que o sr. César pediu para a Ana Luiza alcançar esses relatórios para a Presidente Tércia. Ainda sobre a questão da saúde e mais informações aos atletas paralímpicos, o conselheiro Reinaldo reforçou a importância de a comissão técnica ter um profissional da área da saúde para que os atletas possam informar sobre suas condições físicas, sugerindo a inclusão dessas regras em um manual da seleção. Fez referência a atuação da fisioterapeuta Marcia Benetti no acompanhamento dos atletas fora das missões, destacando a importância desse acompanhamento. O sr. César explicou que a Marcinha, que atua na área da saúde, é voluntária e que a confederação não tem uma equipe médica fixa, mas que o atleta deve informar sobre sua saúde, e que a confederação se preocupa em não levar atletas doentes. O técnico Cláudio reforçou que o atleta convocado deve informar a equipe técnica de eventual lesão que afeta seu rendimento para poder passar a vaga para outro atleta. A Presidente Tércia ressaltou as condições especiais dos atletas paralímpicos, que não são pessoas doentes, mas pessoas com deficiência que merecem uma atenção especial diante de imprevistos como quedas, lesões, etc. Destacou o desempenho das seleções nos Para Pan Americanos do Chile e São Paulo. Seu Cesar registra que a prova no Brasil do Para Pan teve como objetivo fazer com que os atletas alcançassem a Bolsa Atleta Internacional. A Presidente Tércia trouxe à reunião mais um questionamento da conselheira Inaiá, que se coaduna com o questionamento do Clube Mira, no sentido de aferir quais são as garantias para o atleta selecionado na seletiva, quais os objetos e critérios. O sr. Cesar relata as dificuldades em saber dos calendários das provas, que para o Sul Americano Paralímpico a equipe irá completa, pois são maiores as chances de medalhas, e que para outras competições internacionais a equipe será reduzida, haja vista que a Confederação Brasileira é cobrada pelo CPB quanto a qualidade dos atletas convocados. Ressalta que a seletiva é para formar uma equipe que poderá ser convocada, e que será convocada nas primeiras competições do ano, reservando o processo de uma nova seletiva para outras competições dentro do período para evitar conflitos. O técnico Henrique assevera que a formação de uma seleção permanente garante a disposição, para os atletas, de equipamentos e treinos em campo, justificando esses investimentos nos projetos futuros. Claudio e Henrique enfatizaram que, embora nem sempre haja verba disponível, a existência de uma equipe facilita a aquisição de materiais e a realização de training camp para o desenvolvimento do alto rendimento. Henrique destaca, também, que o calendário de provas paralímpicas é uma grande dificuldade há 15 anos, ao contrário do Olímpico, que tem um calendário definido com antecedência, mencionando que, muitas vezes, as provas são confirmadas em cima da hora, dificultando o planejamento e a participação dos atletas. Claudio complementou que essa dificuldade não mudará devido à complexa logística de transporte e

hospedagem no paradesporto. Ainda quanto a logística e os custos de Campeonatos Paralímpicos, Henrique e Claudio abordaram que é difícil encontrar países dispostos a sediar campeonatos paralímpicos devido ao alto custo e trabalho envolvidos. Eles mencionaram que muitas vezes não há retorno financeiro para os organizadores, explicando por que alguns locais, como Stoke Mandeville, pararam de sediar eventos quando a estrutura se tornou insuficiente. Entrando na questão da próxima seletiva, o conselheiro Reinaldo observa que há erros no quadro de pontuação de Bonificação, que considera o batimento de índice abaixo do mínimo na seletiva. Neste quesito o técnico Henrique confirmou que isso seria corrigido, que houve um erro na hora de enviar a tabela que estava correta. Ainda quanto a seletiva próxima, Reinaldo sugeriu que o processo seletivo paralímpico deveria se assemelhar ao olímpico, permitindo mais atletas na fase de robin round, independentemente de bater o índice mínimo no qualificatório, criando mais oportunidades de combate entre os atletas que estarão participando do Campeonato Brasileiro Paralímpico, ressaltando que, no olímpico, há um número de vagas para participar de etapas posteriores da seletiva do qualificatório, mesmo que o índice não seja inicialmente atingido. O técnico Henrique concordou que o processo seletivo precisa ser aprimorado e que as ideias do Comitê de Atletas são bem-vindas. A Presidente Tércia questionou o aumento do índice em 4% ou 4.5% para a seletiva, tornando-o mais alto do que o índice para as Paralímpiadas. Claudio explicou que o índice do IPC para as Paralímpiadas é muito baixo, servindo apenas para garantir que o atleta não faça feio nos jogos. Ele comparou com índices de outros países, mostrando que o Brasil ainda está abaixo do nível internacional, justificando a atual manutenção dos índices. Tércia argumentou que, embora o índice internacional seja alto, outros países fornecem verba para treinamento e apoio às equipes, o que não ocorre no Brasil. O sr. César explicou que, mesmo com verba, atletas paralímpicos provavelmente não aceitariam morar no CT da Brasil Arco como os olímpicos, que recebem acompanhamento diário, psicólogos, fisioterapeutas e exames. Que a verba do olímpico é muito maior e que para as regras do CPB, somente atletas até o quinto lugar no ranking mundial receberiam material. Ainda assim, a Presidente Tércia, ao elogiar o sucesso do projeto de fomento para a base, que teve crescimento significativo, questionou a falta de um projeto similar para o alto rendimento, a exemplo de outros países. Cláudio, neste ponto, explicou que a verba do fomento é diferente da verba anual para o alto rendimento e que a confederação não pode usar o dinheiro do fomento para o alto rendimento, mencionando que o foco será na melhoria da qualidade técnica dos treinadores regionais, sendo esta uma prioridade. Defendeu, também, a administração cuidadosa das verbas, sugerindo que, em vez de enviar um atleta sem capacidade técnica suficiente para uma viagem cara, gastando em torno de quarenta mil reais, este recurso poderia ser usado para cursos de atualização de técnicos. Jairo lembra da necessidade da elevação de verba para o composto olímpico, também. O técnico Claudio enfatizou que a confederação faz o possível com as limitações de verba, buscando equiparar e melhorar o desempenho do tiro com arco paralímpico. O sr. Cesar recorda que, em um período anterior, a confederação recebeu um aumento significativo de verba do CPB devido ao trabalho realizado e à quantidade de medalhas conquistadas, especialmente no Chile e em Chicago. Ele enfatizou que a Confederação presta contas detalhadamente de todos os projetos para garantir a liberação de novos recursos. O conselheiro Reinaldo Charão destacou o alto nível técnico, por

exemplo, dos compostos masculino e feminino paralímpico, e informa dos índices do recurvo feminino que não estão tão altos assim, conforme dados do último mundial, expressando sua inquietação em relação ao desenvolvimento do tiro com arco como um todo, envolvendo olímpico e paralímpico, e a necessidade de uma equipe técnica mais robusta para o paralímpico, incluindo psicólogos, nutricionistas e preparação física, questionando, ainda, por que o paralímpico não pode usar os recursos do olímpico. Acrescenta, o conselheiro Reinaldo, que o Comitê de Atletas pode fazer um esforço em conjunto neste sentido, expondo para as entidades de fomento a necessidade de garantir maior apoio para o tiro com arco paralímpico. O sr. César explicou que o CPB libera apoio técnico, mas apenas para atletas de alto rendimento no ranking mundial, que neste quesito só a Jane Karla está contemplada, e que estão tentando buscar conscientizar o CPB sobre as necessidades e expandir os centros de referência para atendimento médico, odontológico e psicológico, e que tudo está sendo negociado e dentro da máxima transparência. O conselheiro Reinaldo informou que o CPB destinará 20% a mais de verba para confederações que estiverem em conformidade com as normas de transparência e compliance, que poucas confederações estão neste patamar e que a nossa Confederação Brasileira poderá chagar nessa qualidade, conforme o comprometimento desta atual gestão da Brasil Arco. O sr. Cesar afirmou que a confederação está em regularidade e verificará a possibilidade de captar esses recursos adicionais. Mas informa que atualmente a parte paralímpica já recebe setecentos mil reais a mais por conta dos trabalhos realizados por esta gestão, o que demonstra o reconhecimento por parte do CPB. Tércia menciona o pedido do Presidente João Cruz em divulgar, nas redes sociais do Comitê, as visitas que está fazendo em Brasília para captar recursos, especialmente de emendas parlamentares, e questiona que tais verbas são para a Confederação, sem divisão do olímpico com o paralímpico, e o que o Comitê poderia fazer para garantir esses recursos. O sr. Cesar disse que cabe ao Comitê cobrar, pois ele mesmo não sabe de nada e não foi informado de nada, que só ficou sabendo dessa viagem pelas postagens bonitas do presidente e que sabia seria para buscar verbas. Questionado pela Presidente Tércia sobre o projeto que foi levado aos parlamentares, seu César disse que desconhece, que é como perguntar como está o campo do CT, que está numa situação precária, afirmando que a parte olímpica é responsabilidade do João, incluindo o CT, e que a sua responsabilidade é o paralímpico, que evita que o João se envolva no paralímpico, pois relata que mais ou menos um ano atrás o presidente queria que os projetos de expansão dos centros de referência diminuíssem. A Presidente Tercia pediu aos presentes se há mais questionamentos ou se tudo foi contemplando. O conselheiro Reinaldo pediu a palavra para lembrar que a reunião estava em quase duas horas e aproveitou para ressaltar a importância do diálogo contínuo entre o comitê de atletas, que agora inclui três atletas paralímpicos, e a confederação, para buscar mais verbas e recursos para o tiro com arco brasileiro, independentemente de ser olímpico ou paralímpico, enfatizando que a convergência de ideias e objetivos é fundamental para o crescimento do esporte. Recorda que já houve duas reuniões este ano com a equipe técnica do olímpico e sugere mais reuniões deste Comitê com a equipe do paralímpico, e que a atual gestão administrativa da Confederação precisa manter o diálogo constante, inclusive entre si, para que possamos ter boas convergências de ideias e o crescimento de todos. A Presidente Tércia agradece mais uma vez a presença de todos, colocando o Comitê sempre a disposição e, após mais de duas horas de debates,

a reunião foi encerrada às 21:10. A presente memória de reunião está disponível integralmente em vídeo no Google Drive do Comitê, em que este texto lavrado pelo 1º secretário, Reinaldo, foi disponibilizado para ciência e contribuições dos demais membros do comitê e aprovada pelos mesmos, seguindo com as assinaturas dos responsáveis e realizado o devido registro.

Tercia Ferreira Figueiredo

Presidente do Comitê de Atletas e Paratletas

Reinaldo Vagner Charão Ferreira

1º Secretário